



## RESENHA

[FROCHTENGARTEN, F. **Caminhando sobre fronteiras**: o papel da educação na vida de adultos migrantes. São Paulo: Summus, 2009, 164p.]

**Ronaldo Barros Ripardo<sup>1</sup>**

Universidade Federal do Pará  
Universidade de São Paulo  
Programa de Pós-Graduação em Educação

Discute o autor os processos simultâneos de desenraizamento e enraizamento cultural ocorridos na dupla interface dos pares cultura rural/cultura urbana e alfabetização/letramento vivenciados por migrantes de áreas rurais de cidades da Bahia e Minas Gerais, à época da pesquisa, alunos do supletivo na cidade de São Paulo.

Professor da disciplina Ciências Naturais do ciclo II do ensino fundamental<sup>2</sup>, Frochtengarten se inquietou, ao ouvir relatos autobiográficos de alguns alunos, sobre a convergência de elementos que conduziram a estes ao movimento de afastamento da escola, à migração e ao retorno aos estudos escolares, bem como quanto à procedência geográfica, social e econômica de suas cidades de origens. Somado a isso, de tais alunos partilharem atualmente de postos de trabalho semelhantes – motoristas, empregadas domésticas, babás, diaristas, faxineiras, vigilantes etc. – e se comportarem como incapazes de aprenderem os conhecimentos veiculados pela escola. Por outras palavras, os alunos pesquisados congregam uma procedência migratória comum, mesma fatia do mercado de trabalho e posturas idênticas enquanto alunos do supletivo.

Ciente desse perfil dos alunos, o autor traça o quadro metodológico da pesquisa. A primeira etapa consistiu na realização de entrevistas e grupos de conversas com alunos das cidades baianas Tremedal e Belo Campo e mineira São João do Paraíso, seguida por uma visita do pesquisador com alguns desses alunos às cidades onde estes nasceram e/ou cresceram. Os objetivos dessas fases, respectivamente, foram levantar informações mais apuradas dos alunos sobre a sua condição de migrantes, estudantes e trabalhadores e colher impressões dos sertanejos que possibilitassem um olhar menos unilateral sobre a vida e as transformações sociais vivenciadas por eles. Os dados gerados, à luz de teorias da psicologia social, foram postas em diálogo com experiências vividas pelo pesquisador em

<sup>1</sup> Doutorando em Educação – USP.

Professor Assistente da Faculdade de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Federal do Pará – UFPA, campus de Marabá.

<sup>2</sup> Correspondente a uma parte do segundo ciclo do ensino fundamental de oito anos de duração.



sua trajetória docente, extraídas de um diário construído ao longo de sua carreira. O que se desenha, então, a partir dessa opção metodológica, é a simbiose entre a habilidade do pesquisador com a visão e postura críticas do professor, reveladas pelo estilo poético, envolvente e refinado do autor do livro em um texto narrativo.

Da viagem ao sertão, Frochtengarten constata as peculiaridades do sertanejo e como se dá a construção de sua identidade. Trata-se, para ele, de moradores dispersos em unidades territoriais extensas – as fazendas – as quais reconhecem pertencer. É possível perceber dois momentos distintos quanto à relação dos sertanejos com o espaço rural.

A realidade vivida inicialmente pelos pais dos alunos esteve centrada em torno do plantio e da criação de animais, o que conferia forte vínculo destes com a natureza e determinava a estrutura econômica e social da família. Suas vidas eram, em primeiro plano, planejadas em virtude dos períodos cíclicos de culturas agrícolas sazonais. Assim, suas rotinas eram guiadas pela presença da chuva ou da seca e do processo de plantio, colheita e venda dos produtos. A família transmitia – oralmente e, principalmente, pela prática – às gerações futuras tais conhecimentos do solo, dos ciclos hidrológicos, dos animais e do plantio. Constituíam-se, ela mesma, na instituição formadora dos filhos e parentes.

Essa unidade familiar teve pouco ou nenhum contato com a escola, tanto pelo reconhecimento da pouca utilidade desta instituição para a inserção de conhecimentos ou práticas na estrutura econômico/social das famílias quanto pela dificuldade de acesso às unidades físicas escolares existentes na região. Para aqueles habitantes, nas palavras do autor, “o conhecimento escolar não é visto como ausência” (p. 79). Aqueles alunos do supletivo que conviveram nas áreas rurais desse período partilharam do analfabetismo ou do semianalfabetismo perpetuado pelos pais, realidade agravada pela ausência de circulação de materiais impressos e de práticas letradas naquele espaço agrário.

Todavia, aponta o autor para uma reconfiguração dessa paisagem, que se inicia em meados dos anos oitenta do século passado.

Segundo ele, tais sertanejos, atualmente, vivenciam paulatinamente um processo forçado de novos modos de viver. O descompasso dos ciclos hidrológicos, oriundos de alterações climáticas, reflete uma incerteza quanto aos modos de cultivo agrícola tradicionalmente conhecidos pelos sertanejos, não lhes permitindo a mesma geração do excedente comercializável que no passado era possível. Paralelamente, a agricultura mecanizada e de produção em maior escala dos bens agrícolas foram surgindo em grandes propriedades. Tais fatores concorrem, simultaneamente, para a perda progressiva do valor simbólico e de uso impresso pelo sertanejo ao produto do seu labor e para a ampliação da necessidade de consumo de bens manufaturados antes desconhecidos por eles. Em períodos recentes, soma-se ainda a chegada de obras de infraestrutura como a abertura e a pavimentação de estradas, transporte para a cidade, chegada de energia elétrica e construção de escolas. Em conjunto, tais



fatores conferem à nova paisagem rural o tom mercantilista e de urbanidade que agora passam a conduzir as formas de viver do sertanejo.

Os sujeitos da pesquisa, quando crianças e adolescentes, experimentaram justamente o momento de crise do sistema econômico e social do sertanejo, de um modo de vida em que começavam, pela tradição familiar, a se tornarem herdeiros. É nesse momento, de ruptura de um sistema e de passagem para outro, de desenraizamento da cultura sertaneja, que tais alunos procedem a um cruzamento de fronteiras, rompendo do campo para a cidade. Tal ruptura, é válido ressaltar, acontece pela busca de novos horizontes econômicos, uma vez que a escola tinha para eles papel secundário. Constituindo-se em válvula de escape, a migração para a cidade de São Paulo é vista promissora como saída para uma melhoria de vida. “Quem migrou foi em busca de trabalho, não de estudo” (p. 98).

Contudo, esses jovens que migraram não inauguraram um fenômeno novo na região daquelas cidades nordestinas e do norte de Minas Gerais. Eles apenas viram na migração a alternativa para a solução de um problema semelhante ao vivido por seus pais e parentes por volta dos anos 1950. Naquela década, em face do problema econômico causado pela enorme seca que assolou aquelas cidades, uma leva numerosa de pessoas migraram para São Paulo, ocupando postos de trabalho na construção civil e na indústria automobilística.

Esse primeiro fluxo migratório caracterizou dois tipos de migrantes. Aqueles cuja mão de obra era seduzida pela possibilidade de emprego permanente levavam consigo mulheres e filhos. Aqueles que ocupavam postos temporários de trabalho, após certo período, retornavam para a casa de suas famílias no campo. Para esses últimos, ainda permanecia forte o vínculo afetivo do trabalho com a terra e dos modos de estrutura social da unidade familiar, apesar de procederem a migrações consecutivas de curto período.

Por outras palavras, os alunos do supletivo deram continuidade a uma tradição migratória. O que os diferenciou de seus antecessores, porém, foi o fato de serem “acometidos pela doença cultural do desenraizamento” (p. 97) da vida sertaneja – crise das formas de existência do homem rural – em virtude do desequilíbrio das relações entre a produção e a necessidade destes habitantes, ocasionada, principalmente, pela falência do trabalho agrícola. Somou-se, ainda, a este fato, a convivência com uma família dispersa, em função da já citada migração periódica de seus antepassados, e um sistema escolar que engatinhava e pouco ou nada contribuía para a reorganização desse espaço.

Uma vez cruzada a fronteira geográfica do rural para o urbano, a chegada dos alunos migrantes a São Paulo intensificou o processo de desenraizamento cultural, como consequência de vários fatores.

Se no campo o cotidiano é marcado por atividades ritmadas e de impressões duradouras e uniformes do mundo pelo sertanejo, na cidade a intensidade das atividades altera a todo instante as imagens da paisagem cotidiana. Enquanto no ambiente camponês a dispersão dos habitantes e o



compasso do trabalho os constituem em seres socialmente homogêneos e que exercitam o lado afetivo nas relações, na urbanidade o aglomerado de pessoas e o ritmo frenético das relações com o mundo do trabalho conduzem esses habitantes de perfis sociais bem heterogêneos a mecanicizarem o domínio do intelecto e dos sentimentos. A conduta típica da paisagem urbana é modelada pela objetividade, caracterizando identidades pontuadas na impessoalidade e no utilitarismo das relações. O migrante que chega a esse espaço tem seu processo de degradação cultural, iniciado ainda na paisagem rural, intensificado e disso passa a depender para garantir sua capacidade funcional de absorção da cultura objetiva. Ou seja, do enraizamento nessa nova cultura.

Outro viés característico da vida nas cidades diz respeito ao emprego dos códigos e habilidades requeridos. A organização social dos espaços e a circulação de conhecimentos letrados convocam a mobilização de formas de saber totalmente diferentes daqueles utilizados pelo homem rural. Do ato de identificar pelo número ou nome um ônibus ao de ler um jornal ou decodificar um mapa se faz necessário o domínio de outra forma de pensamento que diverge daquele requerido no ambiente sertanejo.

Na zona rural, há “um quadro diverso daquele experimentado na cidade, onde a língua escrita faz a mediação entre os homens na esfera profissional, tecnológica, midiática e burocrática” (p. 41). A produção e circulação de conhecimentos letrados fazem necessário pensar a realidade desconectada de seu lado imediato para pensá-la pela abstração e descontextualização, requerendo domínio de códigos e habilidades próprios da cultura escrita. Enquanto em uma os conceitos emergem em meio às imagens, na outra as imagens tendem a ser ocultadas pelos conceitos.

É, em face desta demanda, que alguns dos imigrantes são levados a romper com uma nova fronteira, a da condição de analfabeto ou semianalfabeto para a de cidadãos com níveis mais proficientes de letramento. É o caso dos alunos do supletivo pesquisados. Superado o problema da habitação e da busca pelo emprego, e garantido o dinheiro para o transporte, o migrante rumo para o ambiente escolar, em busca daquilo que outrora a vida lhe negou.

A escola, por se caracterizar como o lugar para a aprendizagem das operações cognitivas descontextualizadas, é a instância procurada. O papel que a escrita nela ocupa faz crer que nesse espaço o sujeito alcançará a condição necessária às formas de pensamento letrado, o que, logicamente, constitui-se em meia verdade. A escolarização não é a única possibilidade para promover ou elevar os níveis de letramento do cidadão como também o seu acesso não é condição suficiente, embora se reconheça a importância do papel inquestionável da escola nessa transposição de fronteiras e no processo novo de enraizamento cultural do migrante que se torna aluno.

Convém destacar, ainda, que mesmo o aluno migrante que obtém êxito em sua busca por formas de pensamento letrado em grande número de casos isso não vem a acontecer de forma linear, sem a ocorrência de conflitos. As razões são oriundas do trabalho desgastante que ocupam aliadas a uma escola pouco preparada para receber esse aluno. As formas de pensamento a



que este se habituou é fruto de sua convivência em um ambiente diferente do urbano, seus modos de construir conceitos e conhecimentos estão relacionados ao jeito deles se relacionarem com a natureza quando ainda habitavam o sertão. Pensar uma realidade descolada de suas imagens imediatas é uma tarefa difícil para esses alunos que ousam retornar à escola. Pensar em um aluno que concebe a realidade diferentemente do modo como estão acostumados os professores é uma tarefa difícil a estes profissionais e à instituição escolar.

Nesse sentido, Frochtengarten aponta para o confronto cultural como instrumento pedagógico viável para a superação do problema da pouca eficácia da escola na oferta de um ensino de qualidade para esse público. Tal postura corresponde a criar condições nas quais os alunos possam pôr em perspectiva os conhecimentos cotidianos e escolares, sem calcar qualquer um deles com uma suposta supremacia. Agindo nesses termos, a escola estaria alcançando um dos propósitos principais na educação do adulto migrante, que é o de “propiciar a aquisição de conhecimentos e práticas discursivas exigidos para a sobrevivência e a mobilidade social na cidade” (p. 124).

O autor aposta, ainda, na utilização de espaços informais – museus, bibliotecas públicas, teatros municipais etc. – para acrescer ao trabalho da escola em sua missão de aperfeiçoar no aluno formas de convivência com uma cultura subjetiva.

**Palavras-chave:** EJA, imigrantes, fronteiras, sertão.

**Key words:** EJA, immigrants, border, interior.

Enviado em: 23/08/2010

Aceito em: 17/09/2010